

---

## **A MÚSICA COMO METODOLOGIA NO ENSINO DE HISTÓRIA NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL, NA ESCOLA ESTADUAL ESPERANÇA/DISTRITO DE ITAPEAÇU.**

Raidenor Cruz Stone <sup>1</sup>

Mailson Santos de Queiroz <sup>2</sup>

Lucas Eustáquio de Paiva Silva <sup>3</sup>

### **RESUMO**

O presente artigo trata-se de um relato de experiência que objetiva discutir o uso da música como metodologia didática para o ensino da disciplina de História, dinamiza e conceitua as práticas dos docentes no espaço escolar, promovendo um ensino-aprendizagem significativo para todos. A relevância de inovar as técnicas no ensino de História no Nível Básico desafia os docentes a desenvolverem metodologias voltadas à realidade dos alunos e da escola. A introdução da linguagem musical é essencial neste fazer/pedagógico, é de fácil manuseio e está bem presente no dia - dia dos alunos, a música é um recurso viável que flexibiliza a práxis diária do docente da disciplina de História, assegurando uma melhor inoculação do currículo conteudístico. A escola estudada vem condicionando uma formação profissional dotada de competências e habilidades aos docentes. Este estudo foi realizado revisões bibliográficas, observações empíricas e experiências vividas em uma turma do 9º ano do ensino fundamental II, numa Escola Pública da Rede Estadual do Amazonas, no Distrito de Itapeaçu/Urucurituba-AM. A música é construída por ritmos, rimas, simbologias e opiniões/reflexivas que, demonstra, realidade da sociedade no espaço-tempo. É obvio que esta arte popular (música) é um viés que facilita a compreensão dos alunos em relações os sócio espaciais em diferentes contextos históricos. As experiências e conhecimentos teórico/metodológicos assimilados na escola, aplicados em sala de aula, constatou-se como professor/pesquisador, que a linguagem musical deixa as aulas mais ativas, viva, atraentes e

---

<sup>1</sup> Graduando de Pós-Graduação em História do Brasil pela Faculdade Famart

<sup>2</sup> Professor orientador do estudo e do artigo. Professor dos cursos de Graduação e de Pós-Graduação lato sensu da Faculdade Famart – Itaúna-MG.

<sup>3</sup> Professor orientador do estudo e do artigo. Professor dos cursos de Graduação e de Pós-Graduação lato sensu da Faculdade Famart – Itaúna-MG.

prazerosas, produzindo um espaço de aprendizagem de maneira recíproca, entre sujeito/educador e sujeito/aluno.

**Palavras-chave:** História. Música. Metodologia. Ensino.

### **Abstract**

This article is an experience report that aims to discuss the use of music as a didactic methodology for the teaching of the discipline of History, dynamizes and conceptualizes the practices of teachers in the school space, promoting a meaningful teaching-learning for all. The relevance of innovating techniques in the teaching of History at the Basic Level challenges teachers to develop methodologies focused on the reality of students and the school. The introduction of musical language is essential in this teaching/making process, it is easy to handle and is very present in the students' day-to-day. content curriculum. The school studied has been conditioning a professional training endowed with skills and abilities to teachers. This study was carried out bibliographical reviews, empirical observations and lived experiences in a class of the 9th year of elementary school II, in a Public School of the State Network of Amazonas, in the District of Itapeaçu/Urucurituba-AM. Music is built by rhythms, rhymes, symbologies and opinions/reflections that demonstrate the reality of society in space-time. It is obvious that this folk art (music) is a bias that facilitates students' understanding of socio-spatial relationships in different historical contexts. The experiences and theoretical/methodological knowledge assimilated in the school, applied in the classroom, it was verified as a teacher/researcher, that the musical language makes the classes more active, alive, attractive and pleasant, producing a learning space in a reciprocal way, between subject/educator and subject/student.

**Keywords:** History. Music. Methodology. Teaching.

## **1. INTRODUÇÃO**

O presente artigo é caracterizado pelo relato de experiência, elaborado a partir de pesquisas bibliográficas, observações e participações nas aulas do componente curricular de História, na turma do 9º ano 01, em uma Escola da Rede Pública Estadual de Ensino Fundamental II, localizada no Distrito de Itapeaçu/Am. O presente trabalho procurou discutir

o uso da música como uma metodologia para o ensino-aprendizagem de História, no qual dinamiza e conceitua os trabalhos pedagógicos dos docentes.

Os debates, questionamentos, e discussões envoltas do componente curricular de História ensinada nas escolas públicas de Nível Básico, tem-se compreendido a esta Ciência, em pleno século XXI, ainda como uma disciplina monótona e fragilizada metodologicamente, caracterizada como uma didática tradicional ou pouco renovada. Mediante a pouquidade de técnica no âmbito da sala de aula, busca-se discutir o uso da música como uma metodologia didática para o ensino de História, no qual dinamiza e conceitua os trabalhos pedagógicos dos docentes, tendo a perspectiva de se promover um ensino-aprendizagem significativo para todos.

Diante deste contexto, faz-se necessário enfatizar que o referido trabalho objetivou analisar de forma crítica e reflexiva a música como metodologia no ensino-aprendizagem de História no 9º ano do Ensino Fundamental, na Escola Estadual Esperança, no Distrito de Itapeçu. Entretanto, fica perceptível que a linguagem, música, tem sido uma ferramenta de suma importância e de fácil uso nesse fazer pedagógico, sendo de tal forma cabível para se produzir uma práxis, voltada a criação de uma aprendizagem, que acompanha e está inerente às mudanças processuais da relação homem-meio no espaço modificado.

Este trabalho enquadra-se na abordagem da pesquisa qualitativa, o qual fez-se um estudo subjetivo, do objeto pesquisado. Entretanto, vale ressaltar que a pesquisa qualitativa proporcionou um novo olhar em compreender a temática em estudo abordada dentro das suas particularidades e experiências individuais entre outros. Frente a esta pesquisa ficou evidente que além da música trazer uma ótica, permite desenvolver um trabalho direcionado os sentidos e percepções, dos sujeitos-alunos, sobre relações multiculturais materializadas na realidade, o qual o aluno convive no seu contexto histórico do seu cotidiano real e concreto.

Justifica-se tal trabalho pela importância de desenvolver este trabalho de pesquisa de campo juntos a alunos e professor, com objetivo de aproximar ambas partes, fazendo sempre um diálogo dos conhecimentos teóricos e metodológicos, no intuito de ajudar professor e aluno a desenvolver de forma recíproca um aprendizado com qualidade, proficiência e íntegro. Conforme Consoante Silva (2003, p. 35) Assinala:

Os PCN's (Propostas Curriculares Nacionais) apontam a inserção de várias linguagens no Ensino Básico, como por exemplo, a linguagem musical. A música compreende ser um meio para análises e reflexões, ao mesmo tempo, que traz uma criticidade ao contexto histórico da realidade do homem no espaço/tempo em que vive o qual, também fomenta a ressignificação e valorização dos conteúdos do componente curricular de História. As letras musicalizadas abordam questões

socioculturais e da natureza, quando exploradas pelos professores nas aulas, as canções contribuem para desenvolver as percepções do sujeito, ou seja, sua leitura de mundo.

Espera-se que por intermédio deste trabalho seja apresentado metodologias alternativas e sugestões para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem de História no Ensino Fundamental II, que possibilite ao educando o desenvolvimento do senso crítico, nova visão de mundo, emancipação, autenticidade e um espírito solidário a favor de um trabalho democrático de seu cotidiano escolar, com os demais alunos de sala de aula.

## **2. BREVE REFLEXÃO SOBRE O PROCESSO HISTÓRICO DE ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL**

Refletir sobre o Histórico do ensino de História no Brasil não poderíamos deixar de falar da educação e essencialmente do Ensino de História data no ano de 1837 quando foi criado o ensino secundário no Brasil a partir da fundação do Colégio Pedro II, no período do Império. Esse viria a ser o laboratório para as experiências educacionais no Brasil, tendo uma ligação direta com o Estado brasileiro já existente entre 1822 e 1889, e a monarquia constitucional parlamentarista como seu sistema político. Pois, precedeu a República dos Estados Unidos do Brasil, depois e atualmente, República Federativa do Brasil, assim afirma Borges e Braga (2007).

De acordo com Borges e Braga (2007), o ensino religioso ocupava a maior parte da grade curricular, estando inserido no contexto de todas as disciplinas, só anos depois houve um incentivo para uma mudança curricular, para que houvesse um ensino mais plural e menos religioso, com a inserção de disciplinas voltadas para as ciências da natureza.

Embasado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (1998), o ensino de História foi caracterizado a partir de dois momentos, iniciando-se na primeira metade do século XIX, com a introdução no currículo escolar. O segundo momento veio ocorrer a partir das décadas de 30 e 40 deste século.

Segundo Borges e Braga (2007), para o ensino elementar das séries iniciais do ensino fundamental, foi discutida a inserção dos estudos sociais no currículo escolar, advindo dos Estados Unidos. Esse tinha como objetivo ser instrumento de preparação do cidadão, antes que ele ingressasse na sociedade para o exercício de uma profissão. Mas foi durante a

ditadura militar no Brasil que a História é substituída de fato pelos Estudos Sociais, sendo uma combinação de temas da Geografia e da História.

Conforme os PCNs (1998), os conteúdos selecionados de História do Brasil tinham como referência a produção historiográfica do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). A partir de 1860 a História Nacional apareceu sistematicamente nos currículos, tendo como conteúdos seus heróis e datas históricas. O sentido patriótico das propostas curriculares enfatizava valores e comportamento cívico, como por exemplo, a obediência às leis. Com a criação da Lei 5.692/71(1970) que reformulou o ensino de 1º e 2º graus, os conteúdos de História e Geografia para as séries iniciais foram substituídos pelos Estudos Sociais que englobavam ainda a Educação Moral e Cívica e os conteúdos de História permaneceram no Segundo Grau.

Para Turazzi (2006), a concepção que orientava a seleção e a organização dos conteúdos priorizava uma visão harmônica da sociedade e o grande objetivo era preparar o aluno para a cooperação nos grupos sociais de convivência e para o cumprimento dos deveres com a Comunidade, o Estado e a Nação. O programa impunha um ensino diretivo, acrítico, no qual o passado aparecia como uma sucessão linear de fatos de caráter político-institucional, livre de conflitos e as desigualdades sociais eram tratadas como fatos universais e naturais.

Sublinha Brasil (2008), o fim da ditadura militar e a redemocratização do país, na década de 1980, marcou a retomada do ensino de História como campo específico do saber escolar. Os debates e as discussões dos professores de todos os níveis colocaram novos problemas, e a necessidade da reestruturação dos conteúdos e metodologias objetivava um ensino de história mais crítico, dinâmico, participativo, que superasse a linearidade, o mecanicismo, o factualismo e o ufanismo nacional.

Corroborando Turazzi (2006) comenta que a História tinha como tarefa enfatizar o ensino patriótico e os governos militares de 1964 em diante permitiu a proliferação dos Cursos de Licenciatura Curta, contribuindo assim para o avanço das entidades privadas no ensino superior e para uma desqualificação profissional docente. Esta colaborou para um afastamento entre universidades e escolas de primeiro e segundo graus, além de prejudicar o diálogo entre pesquisas acadêmicas e o saber escolar, dificultando a introdução de reformulações do conhecimento histórico e das ciências pedagógicas no âmbito da escola e impossibilitando-as de transmitir o conhecimento de toda história da humanidade em todos os tempos. Difundiram-se reflexões sobre o processo de ensino e aprendizagem em todas as

disciplinas, nas quais os alunos começaram a ser reconhecidos como participantes ativos do processo de construção do conhecimento.

De acordo com a concepção de Turazzi (2006) cita que na década de 1980 os debates foram marcados pela retomada da disciplina de História como oportunidade para o ensino crítico situado em discussões do cotidiano dos alunos e sujeitos históricos. A década de 1990 é marcada pela inserção de novos modelos teóricos com o intuito de uma adequação a temas que se tornassem significativos dentro da sociedade atual, que possa situar os alunos formadores de sua própria história como cidadãos conscientes para o cumprimento da cidadania e não meros reprodutores de ideologias.

Diante deste contexto Brasil (1998), ressalta a História foi marcada por embates envolvendo reformulações curriculares, projetos continuavam a defender o currículo humanístico, com ênfase nas disciplinas literárias, tidas como formadoras do espírito. Outros desejavam introduzir um currículo mais científico, mais técnico e prático, adequado à modernização a que se propunha ao país. Tanto no currículo humanístico como no científico a História, entendida como disciplina escolar, mantinha sua importância para a formação da nacionalidade.

### **3. A RELEVÂNCIA DA MÚSICA COMO METODOLOGIA DIDÁTICA NO ENSINO DO COMPONENTE CURRICULAR DE HISTÓRIA**

Percebe-se que a real função do papel do professor de História diante da formação crítica/reflexiva do aluno, é preciso enfatizar as diversas possibilidades existentes que podem contribuir na formação dos mesmos e que dê resultados significativos no ensino.

Trabalhar a música na sala de aula como metodologia didática no ensino do componente curricular de História, visou apresentar de maneira lúdica, diferenciada e atrativa os conteúdos trabalhados na unidade pelo professor regente. Como ressalta Schroeder (2009), a música se constitui em linguagem imbuída de sentimentos, apresenta representatividade da vida e de diferentes concepções de mundo. É, portanto, um elemento de comunicação que perpassa diferentes circunstâncias e fatos sociais. Assim, permite “aliar” os conteúdos das disciplinas, neste caso de História, com a mensagem transmitida pela linguagem musical. (SCHROEDER, 2009).

Refletir de forma crítica e analítica sobre a perspectiva de aprimorar a qualidade do ensino impõe ao professor o desafio em desenvolver atividades críticas-reflexivas sobre o

mundo da educação e sobre suas práticas. Esse desafio contribui para que as experiências individuais e coletivas possam ser postas a todo o momento em confronto. Dessa maneira, esse exercício crítico e reflexivo contribui para aprimorar e expressar suas habilidades profissionais, se constituindo como componente fundamental no momento em que o docente provoca seus alunos, instigando-os a refletirem acerca da sua realidade, do seu mundo vivido, para aproximar as escalas de análise do geral para o particular, do global para o regional, do regional – global para o local. Dentro desse contexto Rupel (2008, p.13), afirma que a música é uma linguagem que está presente na vida cotidiana das pessoas. “Ela deve estar inserida no processo educativo em qualquer área do conhecimento, sendo utilizada como recurso incentivador, como elemento para fixação de noções e aprendizagens, de recreação e de expressão”.

Linguagem musical proporciona ao aluno adentrar o mundo imagético e real ao mesmo tempo. Pesquisar, explorar e indagar sobre uma música reflete-nos a pensar e fazer uma leitura do tempo e espaço, sobretudo dos tempos históricos. Porém, diante disso, precisa-se conhecer o que está posto na vida do aluno, respeitando as experiências prévias, os valores, a cultura, a maturidade e sua motivação interna ou externa a escola. Como aborda Brito (2003), a música é um caminho mais curto e cheio de possibilidades que permite a construção do conhecimento. Brito (2003, p. 52) assinala que:

a grande maioria das pessoas, incluindo os educadores e educadoras (especializados ou não), a música era (e é) entendida como “algo pronto”, cabendo a nós a tarefa máxima de interpretá-la. Ensinar música a partir dessa ótica significa ensinar a reproduzir e interpretar músicas, desconsiderando a possibilidade de experimentar, improvisar e inventar. A Inovação como ferramenta pedagógica é de fundamental importância no processo de construção do conhecimento musical.

Diante deste contexto percebe-se o quanto a música se torna parte integrante da formação do aluno como ser humano torna o professor atuante e insere o aluno no contexto de práticas de interação com o meio, com a comunidade escolar e com temas diversos que estimulem a todo o momento a reflexão.

Vale ressaltar a importância de destacar o caráter lúdico que a música traz, enfatizando que ela é um jogo de relações entre o som e o que nela aborda. Porém deve-se considerar a necessidade de conhecer a realidade do aluno e compreender como eles se inserem no novo contexto de escola, de educação, do processo de ensino/aprendizagem. Como eles se relacionam entre si e com a música, seja interna ou externa a escola. Nesse

processo, dá-se autonomia ao educando para escolher o estilo de música que será utilizado em determinada oficina pedagógica.

Esse contexto contribui para que professor e aluno se reconheçam como sujeitos e protagonistas do conhecimento. O aluno passa a entender que ele pode sim ser capaz de atuar como pesquisador. Para tanto, basta romper com o chamado modelo tradicional de ensino e despertar no educando o olhar diferenciado, curioso, instigador nas aulas e na disciplina. De acordo com Pinheiro (2004, in: Pereira, 2012, p.139).

Para romper esse estigma, alguns professores buscam várias maneiras de renovar e inovar o ensino. Nas transformações por que passa a escola, com vista à reformulação dos métodos educacionais, os materiais didáticos são de fundamental importância no trabalho do professor. Eles se constituem em instrumentos que possibilitam planejar boas situações didáticas, buscando promover a ampliação dos conhecimentos dos alunos, permitindo-lhes desenvolver conceitos, problematizar questões e articular conteúdos. Para isso, o professor deverá criar situações concretas de aprendizagem.

Compreende-se que o cotidiano do aluno é, também, conteúdo recorrente em debates. Partir desse princípio, de trazer e contextualizar um conteúdo a partir da realidade deles é imprescindível. Em alguns momentos o conteúdo lecionado pelo professor é “distante” do real e do imaginário do aluno. Portanto, trazer o que está no livro didático e contextualizar a partir do que se vê, do que se ouve no lugar e do contexto no qual os alunos estão inseridos facilita muito no processo de ensino e aprendizagem. De acordo com Vesentini (2001, p. 30).

O bom professor deve adequar seu curso à realidade dos alunos. Realidade tanto local (a comunidade, o espaço de vivência e suas características) – nunca se deve esquecer que os estudos do meio constituem um dos mais importantes instrumentos da geografia escolar -, como também psicogenética, existencial, social e econômica. Se os educandos são fascinados pelos computadores, pela imagem no lugar da escrita, por jogos, então é interessante incorporar tudo isso na estratégia de ensino. Afinal o professor também é um cidadão que vive no mesmo mundo pleno de mudanças do educando e ele também deve estar a par e participar das inovações tecnológicas, das alterações culturais.

Dentre esses e outros fatores, a conexão música e história torna-se mais real, mas factível, utilizando a interdisciplinaridade, fundamentando-se numa relação mais completa no processo de ensino-aprendizagem. Segundo Ferreira (2012) a música e a história podem ser inter-relacionadas através da interdisciplinaridade. Ela pode proporcionar ou facilitar, no ser humano, o desenvolvimento do campo auditivo através da melodia, o campo comunicativo



pela expressão de ideias, o raciocínio, a contextualização, a percepção, a concentração, a criatividade e a aproximação da realidade de cada educando.

O contato com outras ciências e/ou outros conteúdos gera um efeito mais amplo e complexo na aprendizagem do aluno, e faz com que o seu olhar, a sua compreensão do mundo se amplie. Verifica-se que as ampliações se fazem de maneira clara e consciente. O discente vai incorporando novos conteúdos e conhecimentos e conseqüentemente redimensiona a apreensão dessa absorção. Isso qualifica de maneira singela a prática do docente, do exercício profissional e a relação ensino aprendizagem.

Baseando-se nas reflexões acerca da temática, Ferreira (2012) citando Fazenda (1998) também comenta que conceitualmente pode-se dizer que a didática é a arte do ensino. Por tanto, a condição para que o professor e o aluno tenham uma melhor apreensão do que se trabalha está também relacionada à aplicação da interdisciplinaridade.

Alcançar uma inhomogeneidade dentro de condições adversas no ensino público implica cada vez mais em inovar e aderir a métodos que incluam o aluno na condição de sujeito. O professor irá mediar o que está proposto no projeto político-pedagógico, no currículo. Para Ferreira (2012, p. 39),

Atualmente a educação formal tem levado em conta o aspecto humano, e emocional do aluno, valorizando a sua individualidade, dando a ele a oportunidade de se expressar através de uma didática mais aberta e uma pedagogia democrática, onde ele também é o sujeito no processo, participando de modo ativo, expressando suas razões e emoções efetivadas em seu mundo vivido. É de suma importância frisar que o real significado da educação escolar deve estar associado ao vínculo professor/aluno, aluno/professor motivados pelo desejo de descortinar o mundo e nele atuar para a consolidação pedagógica de uma sociedade democrática, justa, fraterna e igualitária.

#### **4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

O presente artigo é fruto de trabalhos pedagógicos didáticos desenvolvido por meio de estudo de caso o qual, foram sistematizadas em uma turma do 9º ano do ensino fundamental, na Escola Pública da Rede Estadual de Ensino Fundamental, no Distrito de Itapeçu-Am. Este trabalho é considerado uma pesquisa de campo por trazer nos seus respectivos componentes metodológicos; observações empíricas, participações reflexivas e experiências em sala aula e revisões bibliográficas de autores, como Correia (2009), Kimura (2008), Silva (2003) e outros. Isso foi se caracterizando através da inserção de novas metodologias de ensino.

É, de suma relevância sublinhar que este trabalho foi realizado em três momentos, ou seja, inicialmente apresentou-se e explicou-se o conteúdo. No segundo, introduziu-se o estudo do conteúdo “O Brasil de Vargas a Lula” e “Do bem-estar social o neoliberalismo”, como fonte textual, simbólica e crítica. No último momento, buscou-se conjuntamente – professor e aluno – interpretar e analisar a subjetivada os conteúdos citadas acima, levando em consideração, a temporalidade da realidade social descrita nas temáticas abordadas com o intuito de correlacionar com cotidiano dos alunos.

Estas práticas resultaram em produções textuais e, em outro momento, na criação das paródias. Mediante deste contexto faz-se necessário ressaltar que no decorrer das atividades o qual, os alunos pesquisaram os temas das músicas a serem debatidos em sala de aula. Procurou-se enfatizar da melhor forma possível assinalando que a música é uma linguagem de múltiplos significados e auxilia na problematização do conteúdo escolar.

Assim, como também fornece subsídios para a construção da leitura de mundo e para o pensamento crítico dos educandos. Os procedimentos metodológicos efetivados neste trabalho foram focados em cativar o potencial dos alunos por meio de propostas didático-pedagógico, neste sentido, o uso da música na aula de História, implica a inserir o alunado no contexto principal onde se apresenta professores e alunos. A aprendizagem e a formação do discente como pessoa deve-se ser o foco e o objetivo maior de existência da educação formal.

## **5. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

As mudanças sociais que vem ocorrendo frente o momento histórico de profundas e constante mudanças, é entendida e observada nos fenômenos socioculturais da humanidade ao longo do tempo, implica a H i s t ó r i a, ciência que estuda as mudanças e permanências ocorridas na sociedade, ou seja, estuda o tempo passado e também o presente. Por isso, pode se dizer que a História é o estudo dos seres humanos no tempo e no espaço. Os conhecimentos teóricos sobre as ações do homem nos tempos, e nos espaços naturais e transformados, quando sistematizados em um currículo conteudístico escolar, remete aos professores, neste caso, do componente curricular de história, a competência de desenvolver procedimentos didáticos que viabilize uma maior transmissão destes saberes para os alunos em sala de aula para que possa internalizar novos conhecimentos, habilidades, técnicas, atitudes, costumes e valores ideológicos.

É, importante lembrar que o desenvolvimento das atividades didático-pedagógicas que utilizaram a música em sala de aula influenciou significativamente na aprendizagem dos discentes, que conseguiram compreender os conteúdos e participar ativamente das aulas, por meio de um ensino inovador e interdisciplinar, alcançando resultados significativos e profícuos por intermédio das atividades propostas em sala de aula com a orientação e apoio do professor titular junto o acadêmico no estudo de caso da temática abordada. Os alunos mostraram-se mais interessados e participativos durante as aulas de história em uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental II, em uma escola da Rede Pública Estadual, no Distrito de Itapeaçu/Urucurituba-AM.

Ficou perceptível que no decorrer desse processo educacional, as experiências adquiridas no fazer/docente/pesquisador, reafirmam a importância de inovar as práticas-pedagógicas de ensino por parte dos docentes. Para tal pensamento, possamos a partir de agora, assumir outro posicionamento metodológico, ou seja, trata-se de introduzir metodologias de cunho dinâmico e flexivo na educação, principalmente, a da Educação Básica. Kaercher reforça que, “é preciso haver também uma postura renovada de maior diálogo, não só entre professor e aluno, mas como o próprio conhecimento” (KAERCHER, 2006, p. 222).

Com tudo, saiba-se que às discussões teórico-filosóficas acentuadas a História (Ensino Superior) tenha demorado muito a chegar ao ensino de História nas Escolas Básicas, tendo pouca introdução, no entanto, já é possível encontrar alterações no cotidiano escolar desta disciplina. Pois, “há muitos, professores, insatisfeito com o modelo tradicional e pouco produtivo da História escolar são pressionados pela necessidade de ensinar, educar e explicara realidade que nos cerca, vêm buscando novas referenciais para constituir suas aulas” (CARLOS, 2008, p. 42). Superada a imagem conservadora da disciplina de História, superados os conteúdos, simultaneamente, está ganha um novo sentido para os alunos em sala de aula.

Nota-se claramente que a inovação do ensino de História, não necessariamente, deve acontecer apenas por meio da inserção de tecnologias sofisticadas, mas, pode advir do uso de recursos didáticos considerados simples, de fácil acesso e manuseio técnico. Por exemplo, a utilização de filmes, literatura, vídeos, teatro, cordéis, ilustrações fotográficas, mapas e músicas. Assinala a música grandes potencialidades didático-metodológicas para dinamizar as aulas de história. Sendo que a música pode ser usada por docentes e estudantes

para obtenção de informações de diversa natureza de conhecimentos assistemáticos e sistemáticos.

Kimura (2008) reforça a ideia de se repensar as práticas na disciplina de história e, principalmente, renovar as metodologias utilizadas para alcançar os objetivos propostos. O autor ainda chama atenção para um comprometimento maior do professor sobre o fazer-pensar de história destinado ao ensinar-aprender do componente curricular de História na Escola Básica.

Isso significa que, o ensino de história na atualidade, tem-se voltado para uma nova realidade, onde o aluno deve interpretar o que lhe é ensinado para melhor compreender o que passa a sua volta, ou seja, o lugar que ele ocupa dentro do contexto histórico, e sua relação com as demais áreas do conhecimento (GEOSABERES, 2012, p. 15).

No momento contemporâneo pensar no ensino de história nos dias de hoje, compete aos docentes buscar desenvolver uma série de procedimentos teóricos e metodológicos que produza uma aprendizagem significativa em sala de aula, lugar onde ocorrem os processos de ensino/aprendizagem e confrontos de ideias de forma coletiva. Segundo Cavalcanti (2002), o ensino entende ser um processo de conhecimento do aluno mediatizado pelo professor, estando envolvidos, de maneira interligada, os objetivos, estrutura curricular dos conteúdos, os métodos, práticas-didáticas, de modo geral, o modo que está organizado o ensino, “o professor de História que busca medir o diálogo dos alunos com a realidade pode ajudá-los a apreender o significado dos movimentos sociais” (KIMURA, 2008, p. 180).

Para isso, cabe ao educador dedica-se em inovar seus procedimentos, trazer para ser analisado e discutido em sua rotineira prática de ensino, o cotidiano dos alunos – realidade social dos estudantes fora da escola – e correlacioná-lo aos conteúdos trabalhados em aula. Deve-se introduzir também, ferramentas didático-pedagógicas que fomentem mudanças consideráveis na transposição de sua instrução e na vida dos jovens estudantes.

Mediante este contexto é viável que seja feito de um lado, o emprego de novas metodologias, sobretudo, aquelas que são de domínio e usual na realidade dos educandos, de outro, possibilite ao professor, instrumentos pedagógicos que chame atenção dos alunos, sensibilize-os e assegure produção de um senso crítico.

Os PCN's (Propostas Curriculares Nacionais) já tem recomendado o uso das diversas linguagens para o Ensino Básico, como verbal, musical, gráfica e plástica para o ensino/aprendizagem. A utilização destas linguagens condiciona os alunos dialogar e

expressar suas ideias, acessar as produções culturais e interpretar, primeiramente, as partes do mundo, para que depois, compreenda o seu todo.

“Os PCN’s resgatam a subjetividade e valorização da compreensão do mundo simbólico junto com as representações que orientam as relações sociais com o mundo” (SILVA, 2003, p. 20). A ideia do simbólico, do imaginário, pode ser muito bem trabalhada como proposta metodológica para os alunos em sala de aula, onde propiciará espaços de saberes e aprendizagem. Brasil in (1998) Silva (2013) explica que, pensar sobre o imaginário real em história, é ir atrás dos tempos e espaços subjetivos, das particularidades dos lugares e, também, buscar estudar os eventos passados o qual tem sua importância na medida em que são uma maneira de conhecermos como nossos antepassados viviam, como sentiam e agiam no mundo.

Além disso ficou perceptível que os alunos ao compreender historicamente os fatos ajudaram a refletir sobre a convivência em sociedade, no qual auxiliaram no entendimento das diferenças entre culturas e países, avaliando os caminhos que levam determinados grupos sociais a agir de uma maneira ou de outra, assim como desenvolveu o pensamento crítico do educando diante o componente curricular de História.

Este imaginário real se refere ao mundo das representações, ou seja, o que é observado no tempo e espaço histórico e organizado (raciocinado) na mente humana. A História das representações procura estudar os processos sociais que moldam os comportamentos das pessoas e são moldados a partir das experiências culturais de cada sujeito, nesse processo, confirma-se a presente relação entre o imaginário real e as representações e práticas humanas.

No decorrer das atividades desenvolvidas entre professor/alunos verificamos que todos os educandos se interligaram com a disciplina de História, por meio da música e os diferentes tipos de linguagem, podendo se fazer uma comunicação intercultural. Isso se dá quando os povos entre se trocam experiências socioculturais em um determinado momento.

Fica evidente de forma lúdica que tudo o que se escuta, se absorve e troca informações, de tal forma que, vai sendo estruturalmente organizada na mente do indivíduo. Isso produz outras perspectivas metódicas para o ensino de História enquanto uma Ciência da sociedade. Entretanto, considera-se a linguagem musical um excelente recurso para auxiliar o professor a dinamizar seu trabalho e estimular os alunos a ampliar sua compreensão dos arranjos temporais, espaciais e representações estruturais que se formam mediante as

múltiplas relações da sociedade no contexto histórico do indivíduo, frente os diferentes problemas sociais oferecido pela vida na sociedade que esta intercalado.

Constatou-se que “A música é uma ferramenta, que está acoplada a linguagem, a expressão artística que fala de um tempo, de uma ideologia, de uma paisagem, de uma cultura, um universo” (FERREIRA, 2007, apud GODOY, 2009, p. 6). Cada interpretação musical apresenta em forma de rimas e metáforas, o imaginário das coisas (representações físicas ou abstratas). Este meio de comunicação consegue discutir problemas ambientais, questões culturais e religiosas.

Todavia “Os professores da área de História podem usar a música de diversas formas, tanto sua letra, quanto seu ritmo, seu compositor, para facilitar a compreensão dos alunos em determinados temas abordados” (GODOY, 2009, p. 9). As canções chamam a atenção, despertando sentimentos e sensibilidades no sujeito. As composições, os arranjos musicais, vão bem mais além do que uma distração ou de um entretenimento, mas necessariamente, narram e enfatizam fatos corriqueiros do cotidiano social, com tanto, da relação homem/tempo, homem/espço, homem/natureza e homem/sociedade.

Como se sabe, a [...] “história real e carregada de sentidos vivos e latentes, possibilitando ao indivíduo ser um verdadeiro agente construtor e modificador do mundo, como a realidade é” (GODOY, 2009, p. 43). Desse modo, presume-se que o aluno faz parte da construção dessas representações espaciais, ou melhor, desse mundo. O aluno é um agente direto e indireto, tanto das representações quanto de um conhecimento pleno, capaz de entender as múltiplas relações sociais necessárias à reorganização da sociedade.

Verificamos que a introdução de letras musicalizadas tem levado os alunos a viver esta História por meio do seu imaginário ativo, vivo, presente e real. Por meio desta arte popular (linguagem musical), é possível aprender história, conhecer os lugares, as paisagens naturais e sociais, pesquisar e analisar o modo de vida das pessoas, as relações culturais e interculturais etc.

Compreendeu-se que para as aulas de história não basta apenas os alunos ouvirem as canções, mas, de entendê-las. Ao levar em consideração a visão do compositor, na qual fala de uma fração social e de um tempo, o indivíduo (aluno) depois de analisar-refletir sobre os textos musicais, o mesmo compreende formular novas concepções, observando o mundo com outro olhar histórico. Por vez, a geodinâmica das representatividades, musicalizadas, tende a estimular o imaginário dos jovens a percorrerem por várias realidades. Correia (2009, p. 47) explica que,

o aluno, sujeito da percepção, por meio de canções pode organizar conteúdos históricos, pois suas expressões culturais, constantes nas melodias trazem detalhes dos elementos da natureza e da sociedade, os quais entram em seu saber a partir do momento de sua percepção. As canções oferecem texto estruturado, poético e temático, além de outros elementos que ajudam na ressignificação e valorização dos conteúdos trabalhados.

Os estudantes passaram a descobrir e investigar universos musicais pouco ou ainda não pesquisados, como as músicas regionais ou da MPB (Música Popular Brasileira), pois, estas retratam questões circunscritas à política, a economia, as riquezas naturais, aos costumes tradicionais, as regiões, as paisagens entre outros. A linguagem musical pode apresentar e traçar um novo perfil para o ensino de história escolar, de modo, a produzir novas experiências e perspectivas no entendimento das representações físicas, abstratas e simbólicas. Assim sendo, uma alternativa metodológica e facilitadora na absorção e assimilação dos assuntos.

A música tem a capacidade de penetrar no mundo individual de cada pessoa, de explorar as competências cognitivas e representações subjetivas, em síntese, atingi o lado emocional e racional dos aprendizes, resgatando o sentido da aprendizagem para os conteúdos abordados pelo docente no ambiente escolar. Os conteúdos intercalados a determinadas letras musicais vão alimentando a imaginação dos indivíduos. “As ideias são organizadas através de uma linguagem a qual se estrutura em nosso pensamento, os quais determinam e condicionam nossas representações” (CORREIA, 2009, p. 49).

Esta arte se mostra nas instituições escolares e fora delas, uma ferramenta indispensável ao desenvolvimento das percepções cognitivas dos jovens em sua vida social.

No entanto, os conteúdos curriculares de história não é o suficiente para que se desenvolva um ensino-aprendizagem completo (Correia, 2009). As percepções e saberes comuns dos estudantes, quando tratados com relevância no ensino diário do professor, contribuem substancialmente para elevar a qualidade das práticas em todos os Níveis de Ensino. O senso comum e a ciência, ambas devem ser unidas e executadas em práticas pedagógicas que presem na qualificação da apreensão dos sabres dos alunos.

Diante disso, não queiramos passar o ensino que impotencialize o desenvolvimento cognitivo dos alunos. O objetivo do ensino é dá condições para que estes estejam preparados para enfrentar as situações corriqueiras do cotidiano, sejam elas pessoais ou profissionais. Para isso, trata-se de ser, no caso, o professor, o mais didático possível,

tendo vista, desencadear um processo de aprendizagem dos alunos em sala de aula, onde os sujeitos descubram outros horizontes na realidade em que estão inseridos.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considera-se que este estudo de caso desta pesquisa realizado nesse novo universo escolar que se atrela as novas mudanças tempo e espaço, ao ensino de História se apresenta como uma Ciência ampla e móvel no estudo desses fatos. Manifesta-se uma carência metodológica para aplicação das práticas dos trabalhos pedagógicos de ensino em sala de aula, por ora, alguns professores têm encontrado dificuldades em saber qual melhor forma de transmitir os conteúdos.

Vale ressaltar que, é importante utilizar métodos que não se prendam ao tradicional, a uma didática com aulas monótonas, mas, seja uma práxis socializadora, estreitando os laços entre a relação professor-conteúdo e aluno. A partir desta concepção é coerente fomentar a construção do senso crítico-reflexivo tanto dos alunos quanto dos professores. Há imensas ferramentas pedagógicas que fazem parte ou estão presentes na vida dos estudantes, são meios que promovem trocas de ideias e de experiências, assegurando aulas mais interativas e empolgantes no ambiente escolar o qual os alunos se deparam todos os dias com o processo de ensino de História.

Compreende-se que não só apenas os licenciados de História, mas, de todos os outros cursos, busquem complementar a teoria apreendida na Universidade com novas práticas-didáticas em sala de aula. Por outro lado, compete assumir uma postura crítica, reflexiva e avaliativa do nosso fazer/docente, ou seja, partindo-se da realidade, do cotidiano escolar, do perfil alunado e dos conteúdos programados, procuremos sempre, melhorar e inovar as metodologias com a finalidade de desempenhar um ensino de qualidade para todos.

É, imprescindível que o professor tem que renovar sempre seus métodos e formas de trabalhar com os alunos, tendo em vista, desenvolver o lado cognitivo e físico destes sujeitos em sala de aula, palco onde, a cada dia, são manifestadas novas relações sociais e educacionais. É a partir do ato de desenvolver os seus trabalhos pedagógicos na teoria e prática que se percebe a importância da figura do professor, compreendendo o papel social de formar a mentalidade dos sujeitos-alunos em suas diferentes modalidades de ensino.

É, nítido que cabe em particular, ao professor de História buscar outros métodos e torná-los interessantes quando levados aos alunos. Com instrumentos pedagógicos que



possibilite correlacionar o saber científico com a realidade social, socioeconômica dos mesmos, de forma recíproca, agregue novos saberes e experiências intelectuais a partir da relação professor-aluno. Proposto por uma didática desafiadora e instigante no ensino diário, tendo a perspectiva de se fazer no espaço escolar, um lugar de formação do sujeito emancipado de seus direitos e ciente de seu papel ético, moral e social.

## 7. REFERÊNCIA

BORGES, M. BRAGA, J. **O ensino de história nos anos iniciais do ensino fundamental**; Cortês: 2007

BRASIL, Referencial Curricular Nacional para a Educação Fundamental. **Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC, 1998. v. 1.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A História na sala de aula**. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

CAVALCANTI, L. S. **História escolar e procedimentos de ensino numa perspectiva sócio construtiva**. IN: **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: alternativa, 2002, p.71-100.

CORREIA, Marcos Antônio. **Representação e ensino: a música nas aulas de história**. Curitiba-Paraná: Universidade Federal do Paraná, 2009, p. 1-118. Disponível em: [dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/1884/.../1/Marcos%20Correa.pdf](https://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/1884/.../1/Marcos%20Correa.pdf) 1h:07min de 18 de maio de 2015.

GEOSABERES. **O Ensino de História / Geografia e o Uso dos Recursos Didáticos E Tecnológicos**. Fortaleza, v. 3, n. 5: Universidade Federal do Ceará, p.12-20, jan. / jun. 2012.

GODOY, Moema Lavínia Puga de. **A música, o ensino a história**. Uberlândia –MG: Universidade Federal de Uberlândia, 2009, p. 1-46.

KIMURA, Shoko. **História No Ensino Básico: questões e propostas**. São Paulo: Contexto, 2008.

RUPEL, Palvelski Aparecida Maria. **Atividades lúdicas: proposições metodológicas para o ensino da História escolar**. PDE/2008 SEED/UFPR.

SILVA, Marcelo Marchioretto da. **O uso da linguagem musical no ensino de geografia**. Curitiba: Universidade federal do Paraná, 2013, p. 1-73.

SCHOEDER, Hélio. **A música como linguagem no ensino do tempo e espaço histórico Urbano**. Guarapuava –PR, 2009.

VESENTINI, J, W. **Educação e ensino de História: Instrumento de dominação e / ou libertação**. São Paulo: Contexto, 2001, p. 14 – 31.

TURAZZI, M. GABRIEL, C. T. **Tempo e história**. São Paulo: Moderna, 2006.